

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO CENTRO
DE CIÊNCIAS SOCIAIS - CCSO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

APARÍCIO SOUSA DA COSTA

**OS HOMENS NA PEDAGOGIA: os impactos das relações de gênero na
formação docente no Curso de Pedagogia da UFMA em São Luís-MA**

SÃO LUÍS

2026

APARÍCIO SOUSA DA COSTA

OS HOMENS NA PEDAGOGIA: os impactos das relações de gênero na formação docente no Curso de Pedagogia da UFMA em São Luís-MA

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão como requisito para obtenção do título de licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Patrícia Costa Ataíde.

SÃO LUÍS

2026

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Sousa da Costa, Aparício. OS HOMENS NA PEDAGOGIA :
os impactos das relações de gênero na formação docente
no Curso de Pedagogia da UFMA em São Luís-MA / Aparício
Sousa da Costa. - 2026. 52 f.

Orientador(a): Patrícia Costa Ataíde.
Monografia (Graduação) - Curso de Pedagogia,
Universidade Federal do Maranhão, São Luís - Ma, 2026.

1. Gênero. 2. Docência. 3. Pedagogia. 4.
Feminização do Magistério. 5. Formação Docente. I. Costa
Ataíde, Patrícia. II. Título.

APARÍCIO SOUSA DA COSTA

OS HOMENS NA PEDAGOGIA: os impactos das relações de gênero na formação docente no Curso de Pedagogia da UFMA em São Luís-MA

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão como requisito para obtenção do título de licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Patrícia Costa Ataíde.

Aprovado em: 22 / 01 / 2026

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Patrícia Costa Ataíde (Orientadora)
Universidade Federal do Maranhão

Prof.^a Dr.^a Sirlene Mota Pinheiro da Silva
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Erbio dos Santos Silva
Universidade Federal do Maranhão

*À minha resiliência,
à toda dor,
a todos os desafios e impasses,
à toda dificuldade superada,
à mim que não deixou a peteca cair
a todos que estiveram comigo.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, agradeço primeiramente, por me sustentar nos momentos mais difíceis, fortalecer minha fé e permitir que eu atravessasse cada obstáculo com coragem e a esperança de que o melhor estava por vir.

Meu percurso é marcado por recomeços e resistência e, acima de tudo, por resiliência. Ao longo do curso, enfrentei um caminho marcado por adversidades, atravessado por fragilidades emocionais e momentos de quase desistência quanto às expectativas relacionadas à minha formação. Ainda assim, vivenciei alguns lapsos de lucidez que foram fundamentais para que eu me mantivesse firme e suportasse todo o processo, compreendendo que ninguém poderia lutar minhas guerras por mim.

Durante a caminhada acadêmica, nossas vidas pessoais e universitárias seguem sempre se cruzando, muitas vezes, se entrelaçando. Venci obstáculos, desafios físicos e mentais que colocaram à prova minha dedicação e resiliência para continuar dando conta do processo formativo, superando os obstáculos e seguindo em direção à luz da minha formação universitária. Reconheço que cada uma dessas experiências, por mais duras que tenham sido, trouxeram aprendizados fundamentais, moldando não apenas este trabalho, mas também minha formação humana, acadêmica e profissional.

Agradeço, de modo especial e sincero, à minha orientadora, **Prof.^a Dr.^a Patrícia Costa Ataíde**, cuja atuação foi determinante para que este percurso não fosse interrompido. Sua orientação foi marcada pelo cuidado, pela escuta atenta, pela compreensão dos meus limites e pelo incentivo constante à permanência. Quando eu mesmo já havia desistido, sua postura firme e sensível manteve-se como luz em meio às incertezas, sustentando este processo com humanidade, compromisso e confiança. Sua presença foi essencial para que eu pudesse reencontrar sentido, retomar a escrita e acreditar novamente na conclusão deste trabalho. Deixo à senhora toda minha gratidão e reconhecimento por ser essa pessoa e profissional extraordinária. Que honra foi poder encontrá-la durante essa caminhada. Obrigado por toda ajuda e empurrão que você me proporcionou!

À minha família, especialmente a meu pai e à minha mãe, deixo meu

agradecimento profundo por todo o apoio, paciência e amor incondicional. Mesmo nos momentos mais difíceis, quando as palavras faltavam, suas presenças foram sustentação e força, permitindo que eu seguisse adiante.

À minha namorada, **Mikaella Oliveira**, expresso minha gratidão pelo companheirismo, pela compreensão e pelo cuidado diário. Sua presença foi apoio constante, abrigo nos momentos de fragilidade e incentivo fundamental para que eu não desistisse quando tudo parecia pesado demais. Agradeço pela calma transmitida por sua presença, mesmo em silêncio, que sempre se mostrou um tranquilizante diante dos meus “pensamentos pensantes”.

Registro também minha gratidão aos amigos e amigas de caminhada universitária e de vida, que compartilharam este percurso de diferentes formas, proporcionando boas risadas e momentos de descontração que tornaram a jornada mais leve e alegre, além de oferecerem apoio, orientação, escuta, incentivo e presença solidária. Deixo aqui meu sentimento de afeto por tê-los comigo nesse processo, pois, embora minha caminhada muitas vezes tenha sido solitária, com vocês qualquer vazio pôde ser preenchido, especialmente nesta reta final do curso. (**Thainá Camila, Rosa Maria, Karolina Carvalho, Alessandra, Laura Emily e Nadson**).

Agradeço ao meu amigo **Leandro Cutrim** por todas as vezes em que me vi sem recursos tecnológicos para intensificar meus estudos e você sempre se mostrou disposto a ajudar com o que fosse possível. Agradeço também por todo apoio e pelos inúmeros socorros prestados ao longo dos anos. Uma amizade de infância, oriunda de nossos pais e transmitida a nós no ventre, que perdura até hoje. Agradeço também ao meu amigo **Pablo Tavares**, por sua vida e amizade, que permanece firme independentemente do tempo ou da distância, sempre presente nos acontecimentos da vida.

Agradeço aos entrevistados que se dispuseram a compartilhar suas experiências, parte de suas individualidades, tempo e conhecimentos, contribuindo significativamente para a construção do saber apresentado neste estudo (**Adriano Nogueira Almeida, Jonas Vitor Vieira Cruz Moraes e Nadson Nascimento Martins**). Este trabalho representa também a consolidação da minha formação

profissional enquanto pedagogo, cada dificuldade enfrentada contribuiu para a constituição de um profissional mais sensível, ético e comprometido com a educação e com os sujeitos que dela fazem parte. A trajetória vivida ao longo do curso reafirmou minha escolha pela docência e fortaleceu meu compromisso com uma prática educativa humana, crítica e socialmente responsável.

Por fim, agradeço a mim mesmo. Nada mais, nada menos do que àquele que resistiu, permaneceu e escolheu continuar. Reconheço minha trajetória, minhas lutas e minha capacidade de seguir adiante mesmo diante da dor, do cansaço e da vontade de desistir. Este trabalho é, acima de tudo, fruto da minha permanência e da decisão diária de não abandonar o caminho.

*Toda dor é por enquanto [...]
A alegria, verá meu rosto sem lágrimas [...]
(Marcos Almeida)*

RESUMO

Este trabalho analisa a presença de homens no curso de Pedagogia, discutindo como as relações de gênero influenciam a formação acadêmica e as perspectivas de atuação na docência com crianças, em um campo historicamente marcado pela feminização do magistério. A docência, especialmente na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, tem sido socialmente associada ao cuidado, à afetividade e à maternagem, o que contribui para a naturalização da presença feminina e para o estranhamento da atuação masculina nesses espaços. Nesse contexto, o estudo tem como objetivo geral investigar como homens que cursam Pedagogia percebem e vivenciam sua formação acadêmica e a perspectiva de atuação na docência com crianças, considerando os desafios, estereótipos e expectativas sociais que atravessam suas trajetórias formativas e profissionais. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza exploratória, desenvolvida por meio de entrevistas semiestruturadas com estudantes homens do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus São Luís. As entrevistas permitiram identificar o perfil socioeconômico, cultural e acadêmico dos participantes, bem como compreender suas vivências no curso, percepções sobre a profissão docente, desafios enfrentados e expectativas quanto às possíveis áreas de atuação e à continuidade acadêmica. Os resultados indicam que os homens vivenciam a formação em Pedagogia como um espaço simultaneamente de aprendizagem e tensão, marcado por estigmatizações, desconfianças e vigilância, sobretudo no que se refere à atuação com crianças pequenas. A condição de minoria masculina no curso gera sentimentos de não pertencimento, autocontrole e necessidade constante de legitimação profissional. Ao mesmo tempo, os participantes reconhecem a docência como um campo de realização pessoal e compromisso social, destacando a importância da educação na transformação da sociedade. Conclui-se que a feminização do magistério e as relações de gênero influenciam significativamente a escolha profissional, a formação acadêmica e as expectativas de carreira dos homens na Pedagogia. A presença masculina na docência evidencia a necessidade de ampliar os debates sobre gênero na formação inicial e continuada, bem como de promover políticas públicas e práticas institucionais que valorizem a profissão docente, combatam estereótipos e favoreçam a equidade de gênero no campo educacional.

Palavras-chave: Gênero. Docência. Pedagogia. Feminização do Magistério. Formação docente.

ABSTRACT

This study analyzes the presence of men in the Pedagogy undergraduate program, discussing how gender relations influence academic training and perspectives for teaching practice with children in a field historically marked by the feminization of teaching. Teaching, especially in Early Childhood Education and the early years of Elementary School, has been socially associated with care, affection, and mothering, which contributes to the naturalization of female presence and to the estrangement of male participation in these educational spaces. In this context, the general objective of the study is to investigate how men enrolled in Pedagogy perceive and experience their academic training and their perspectives of working in teaching with children, considering the challenges, stereotypes, and social expectations that shape their educational and professional trajectories. The research is characterized as qualitative and exploratory, developed through semi-structured interviews with male students enrolled in the Pedagogy undergraduate program at the Federal University of Maranhão (UFMA), São Luís campus. The interviews made it possible to identify the participants' socioeconomic, cultural, and academic profiles, as well as to understand their experiences in the course, perceptions of the teaching profession, challenges faced, and expectations regarding possible areas of professional practice and academic continuity. The results indicate that men experience Pedagogy training as a space of both learning and tension, marked by stigmatization, distrust, and symbolic surveillance, especially concerning work with young children. Being a male minority in the course generates feelings of non-belonging, self-monitoring, and a constant need for professional legitimation. At the same time, participants recognize teaching as a field of personal fulfillment and social commitment, emphasizing the role of education in social transformation. It is concluded that the feminization of teaching and gender relations significantly influence professional choice, academic training, and career expectations of men in Pedagogy. Male presence in teaching highlights the need to expand debates on gender in initial and continuing teacher education, as well as to promote public policies and institutional practices that value the teaching profession, challenge stereotypes, and foster gender equity in the educational field.

Keywords: Gender. Teaching. Pedagogy. Feminization of teaching. Teacher Education

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
1.1 Metodologia	15
2. AS RELAÇÕES DE GÊNERO E A PROFISSÃO DOCENTE.....	18
2.1 As relações de gênero na educação: alguns aspectos históricos.....	18
2.2 Feminização da docência	22
2.3 Docência e relações de gênero: implicações na escolha da profissão	25
3. OS HOMENS NA PEDAGOGIA.....	29
3.1 Perfil socioeconômico, cultural e acadêmico dos homens estudantes de Pedagogia da UFMA	30
3.2 Vivências e percepções do/no Curso de Pedagogia.....	31
4. DESAFIOS E EXPECTATIVAS QUANTO À PROFISSÃO DOCENTE	35
4.1 Principais desafios enfrentados pelos homens na profissão docente.....	35
4.2 Expectativas quanto a possíveis áreas de atuação e continuidade acadêmica.....	38
5 CONSIDERAÇÕES	42
REFERÊNCIAS	45
APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	47
APÊNDICE B – Roteiro de Entrevista	48

1 INTRODUÇÃO

A docência, enquanto prática social e profissão historicamente constituída, é atravessada por relações de gênero que influenciam tanto a organização do trabalho pedagógico quanto a escolha e a permanência de sujeitos na carreira docente. No contexto brasileiro, observa-se que a Educação Infantil e os anos iniciais do Ensino Fundamental são marcados por uma presença majoritariamente feminina, fenômeno amplamente discutido na literatura como processo de feminização do magistério. Essa configuração não ocorre de forma neutra, mas está associada a construções sociais que vinculam o ensinar, o cuidar e o educar a atributos tradicionalmente considerados femininos, como afetividade, sensibilidade e dedicação materna.

Nesse cenário, a presença masculina nos cursos de Pedagogia e, especialmente, na docência com crianças pequenas ainda é reduzida e permeada por tensões, estigmas e questionamentos sociais. Homens que optam por essa formação frequentemente enfrentam desconfiças quanto à sua escolha profissional, à sua legitimidade para o cuidado infantil e até mesmo à sua identidade de gênero e orientação sexual. Tais experiências evidenciam que as relações de gênero operam como um elemento estruturante das trajetórias formativas e profissionais na área da educação, influenciando decisões, expectativas e oportunidades.

A escolha do tema desta pesquisa possui uma motivação pessoal, científica e social. Do ponto de vista pessoal, enquanto homem cursando Pedagogia, eu vivenciei ao longo da minha formação acadêmica situações semelhantes às relatadas pelos participantes desta pesquisa. Experimentei o estranhamento diante da minha escolha profissional, a escassez de referências masculinas no curso, os questionamentos velados e, por vezes, explícitos, sobre minha presença na Educação Infantil, além das expectativas sociais que tentam delimitar quais espaços são considerados legítimos para homens e mulheres. Essas vivências despertaram inquietações que me levaram a refletir sobre como outros homens percebem e experienciam esse mesmo percurso formativo.

No campo científico, a relevância do estudo justifica-se pela necessidade de aprofundar as discussões sobre gênero e docência a partir da perspectiva masculina, especialmente em cursos de Pedagogia. Embora a feminização da docência seja bastante tratada e discutida, ainda são incipientes os estudos que dão voz aos homens que escolhem essa formação. Assim, este trabalho busca contribuir para o

preenchimento dessa lacuna, ampliando o debate acadêmico sobre gênero, formação docente e Educação Infantil.

Sob a perspectiva social, investigar a presença masculina na Pedagogia torna-se fundamental para problematizar estereótipos de gênero historicamente naturalizados, que impactam tanto a valorização da profissão docente quanto a construção de identidades profissionais mais plurais. Compreender essas dinâmicas permite refletir sobre a necessidade de uma educação comprometida com a equidade de gênero, capaz de romper com visões limitadoras e promover ambientes educacionais mais diversos, democráticos e inclusivos, beneficiando não apenas os docentes, mas também as crianças e a sociedade como um todo.

Diante dessas reflexões, emerge a seguinte problematização: como os homens que cursam Pedagogia percebem e vivenciam sua formação acadêmica e a perspectiva de atuação na docência com crianças, considerando os desafios, os estereótipos e as expectativas sociais que atravessam esse percurso? Essa questão orienta o desenvolvimento da pesquisa e permite compreender de que forma as relações de gênero interferem nas escolhas, trajetórias e projeções profissionais desses sujeitos.

Nessa direção, o estudo se orienta pelo objetivo geral de investigar como homens que cursam Pedagogia percebem e vivenciam sua formação acadêmica e a perspectiva de atuação na docência com crianças, considerando desafios, estereótipos e expectativas sociais. Esse objetivo foi desdobrado nos objetivos específicos:

- Refletir acerca da docência e das relações de gênero, considerando os aspectos históricos, a feminização e as implicações na escolha da profissão;
- Conhecer o perfil socioeconômico, cultural e acadêmico dos homens estudantes de Pedagogia da UFMA, além das suas vivências e percepções acerca do curso;
- Identificar os principais desafios e expectativas enfrentados pelos homens pedagogos na profissão docente.

Ao abordar essas dimensões, a pesquisa pretende contribuir para uma compreensão mais ampla sobre a presença masculina na Pedagogia, evidenciando desafios, possibilidades e estratégias de enfrentamento às desigualdades de gênero ainda presentes no campo educacional.

Considerando o problema e os objetivos da pesquisa, tem-se como hipótese: os homens que cursam Pedagogia percebem e vivenciam sua formação acadêmica de forma fragilizada pela reduzida presença masculina no curso, em comparação às mulheres, pela feminização da docência e pelos estereótipos e representações negativas quanto à sua atuação na docência com crianças, levando à preferência pelo trabalho nas áreas de gestão ou acadêmica.

O trabalho está estruturado em três seções, além da introdução e das considerações finais. Na seção 2 são apresentadas as relações de gênero a partir de uma contextualização histórica, além da feminização da docência e das implicações na escolha da profissão docente. Na seção 3 destaca-se o perfil socioeconômico, cultural e acadêmico dos homens entrevistados que cursam Pedagogia na UFMA, bem como, suas vivências e percepções acerca do curso. A seção 4 traz os principais desafios e expectativas enfrentados pelos homens estudantes de Pedagogia da UFMA no que tange à profissão docente.

Na próxima subseção há o detalhamento da metodologia adotada na pesquisa.

1.1 Metodologia

A presente pesquisa, intitulada “OS HOMENS NA PEDAGOGIA: os impactos das relações de gênero na formação docente no Curso de Pedagogia da UFMA em São Luís-MA”, fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, uma vez que busca compreender percepções, significados e experiências atribuídas pelos sujeitos ao fenômeno estudado.

Segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 70) a pesquisa tem o ambiente como fonte direta dos dados. O pesquisador mantém contato direto com o ambiente e o objeto de estudo em questão, necessitando de um trabalho mais intensivo de campo.

Assim, o pesquisador assume um papel ativo na coleta e interpretação das informações, compreendendo o fenômeno em sua complexidade e contexto social.

A natureza da pesquisa é básica, e quanto aos seus objetivos, possui caráter exploratório e explicativo, pois pretende descrever e interpretar as percepções dos discentes homens sobre seu lugar no Curso de Pedagogia, buscando identificar fatores que influenciam sua trajetória e permanência nesse espaço acadêmico.

Para alcançar os objetivos propostos, o estudo se estruturará a partir de dois procedimentos principais: revisão bibliográfica e documental, além do estudo de

caso com aplicação de entrevistas semiestruturadas, nesse caso, “as questões são apresentadas ao entrevistado de forma mais espontânea, seguindo sempre uma sequência mais livre dependendo do rumo que toma o diálogo” (Tozoni-Reis, 2009, p. 62).

Será realizada uma revisão bibliográfica que, conforme Prodanov e Freitas (2013, p. 54), caracteriza-se por ser

constituída principalmente de livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico e internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa.

Essa etapa visa identificar as principais discussões e referenciais teóricos sobre as temáticas: Pedagogia, gênero e a resença masculina na docência, estabelecendo um panorama do debate acadêmico atual.

O presente trabalho configura-se também como um estudo de caso, pois analisará uma realidade específica: os discentes homens matriculados no Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

De acordo com Prodanov e Freitas (2013, p. 60),

o estudo de caso é um tipo de pesquisa qualitativa e/ou quantitativa entendido como uma categoria de investigação que tem como objeto o estudo de uma unidade de forma aprofundada, podendo tratar-se de um sujeito, de um grupo de pessoas, de uma comunidade etc.

Assim, o estudo buscará compreender, em profundidade, as experiências e percepções desses estudantes, destacando suas motivações, desafios, relações interpessoais e perspectivas dentro do curso.

A coleta de dados empíricos será realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, instrumento que, segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 108), “permite que os respondentes expressem suas opiniões e ideias de forma mais aberta e sem restrições”.

As entrevistas serão aplicadas a um grupo de três discentes homens regularmente matriculados no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) do Campus São Luís, escolhidos por amostragem intencional. As questões buscarão compreender suas experiências formativas, percepções sobre o ambiente acadêmico e suas relações com o campo da docência.

As respostas serão gravadas (mediante autorização dos participantes), transcritas e analisadas de modo a preservar a integridade das falas.

Os dados obtidos serão analisados à luz da fundamentação teórica, buscando identificar categorias emergentes relacionadas às percepções, desafios e significados atribuídos pelos participantes ao fato de serem homens em um curso historicamente associado ao público feminino.

Dessa forma, a análise dos dados possibilitou a discussão, a análise e a interpretação das informações obtidas a partir das contribuições dos diversos autores e autoras sobre o tema desse estudo (Tozoni-Reis, 2009). Além disso, tomando por base a proposta hermenêutico-dialética de Minayo, apresentada por Tozoni-Reis (2009), foi realizada a transcrição, leitura e análise das entrevistas e das observações em campo, sem perder de vista a relação teórico-prática na pesquisa. Portanto, as falas dos sujeitos foram articuladas com os referenciais teóricos, de modo a construir uma interpretação crítica e contextualizada.

2 AS RELAÇÕES DE GÊNERO E A PROFISSÃO DOCENTE

2.1 As relações de gênero na educação: alguns aspectos históricos

A discussão sobre gênero e educação tem ganhado relevância nas últimas décadas, especialmente ao se observar como as construções sociais de masculinidade e feminilidade influenciam as escolhas profissionais e a configuração das práticas docentes. Segundo Louro (1997), o gênero é uma categoria de análise que possibilita compreender as formas pelas quais as relações sociais são constituídas a partir de diferenças percebidas entre homens e mulheres, expressando-se em instituições como a escola. Assim, possibilitando analisar as implicações das relações de gênero na docência, considerando o processo de feminização e a escolha da profissão por homens.

Historicamente, a educação sempre refletiu as estruturas sociais e de poder de cada época. Na antiguidade o conhecimento era um privilégio de poucos e estava essencialmente concentrado nas mãos da Igreja. As instituições de ensino, vinculadas aos mosteiros e catedrais, eram destinadas quase exclusivamente aos homens, especialmente monges e clérigos, que detinham o monopólio da leitura e da escrita. Nesse contexto, as mulheres eram excluídas dos espaços de saber formal, sendo sua instrução estritamente e unicamente ao ambiente doméstico ou conventual.

Em Atenas as mulheres e pessoas escravizadas não tinham acesso à educação, tampouco podiam tomar decisões políticas. Embora sejam grandes as contribuições dos Sofistas, de Platão e de Sócrates, as mulheres não podiam atuar na educação (Ataide; Nunes, 2016).

Ao longo do processo histórico, foram construídos estereótipos de gênero que associaram as mulheres a características como passividade, sensibilidade e fragilidade, direcionando-as para profissões vinculadas ao cuidado, à maternidade e à intuição. Em contrapartida, os homens foram socialmente representados como superiores às mulheres em diversas situações, sendo percebidos como biologicamente mais fortes e mais ativos no domínio das relações familiares e sociais (Souza; Giroto, 2019).

Com o advento da modernidade e da consolidação dos Estados nacionais, a educação passou por transformações que culminaram na laicização e na expansão

do ensino público, especialmente a partir do século XIX. Foi nesse momento que se iniciou um processo de inversão simbólica e prática na ocupação dos espaços educativos: o magistério, antes considerado uma profissão de prestígio masculino, passou progressivamente a ser associado ao trabalho feminino. Com a implementação dos Estados Nacionais, os homens se deslocaram para os espaços de comando, racionalidade e poder público, política, burocracia, ciências, exército.

Durante a modernidade, marcada pelo Renascimento, Racionalismo e Iluminismo que levaram à substituição da fé pela razão e a novas exigências sociais, o aluno foi ganhando espaço na educação, contudo, as mulheres eram educadas para serem subordinadas aos homens. (Ataide; Nunes, 2016)

De acordo com Louro (1997), essa mudança se deu por razões econômicas, sociais e ideológicas. A docência nos níveis iniciais, sobretudo na educação primária, começou a ser compreendida como uma extensão do papel materno, o que favoreceu a entrada massiva das mulheres nesse campo. A autora destaca que:

o magistério tornou-se um espaço de atuação predominantemente feminina não por acaso, mas como resultado de uma reconfiguração das relações de gênero, que vinculou a docência à natureza cuidadora e afetiva da mulher (Louro, 1997, p. 56).

Essa transição revela, portanto, uma mudança estrutural nas relações de gênero dentro da educação: se em períodos anteriores o saber e o ensino formal eram domínios masculinos, o século XIX marca o momento em que as mulheres conquistam espaço na docência, embora esse movimento tenha ocorrido em meio a contradições. Conforme Bruschini:

a inserção das mulheres no magistério foi uma conquista ambígua, pois ao mesmo tempo que ampliou sua participação social, reforçou estereótipos de gênero que associam a mulher ao cuidado e à docilidade. (1990, p. 23)

A docência carrega uma forte carga de estereótipos de gênero, que definem papéis e comportamentos esperados de homens e mulheres. As professoras são frequentemente associadas à afetividade, paciência, empatia e maternidade simbólica. Espera-se que cuidem, acolham e mantenham relações sensíveis com os alunos. Já os professores homens são associados à disciplina, firmeza, autoridade e racionalidade, sendo frequentemente direcionados para funções como gestão, esportes ou resolução de conflitos. Os homens, geralmente não são

motivados ao ingresso nas vagas de docência, seja em qual for etapa do ensino básico, na verdade sofrem com desestimulações a ocupar espaços associados ao cuidado, considerados pouco viris ou pouco rentáveis. Nesse sentido, é visto como profissão de baixa remuneração e status, o que interfere tanto na decisão de ingresso quanto na permanência.

Um dos estereótipos mais marcantes é o da suspeição sobre homens na Educação Infantil. Professores homens que atuam com crianças pequenas enfrentam olhares desconfiados, sobretudo de famílias, por serem vistos como inadequados ou perigosos. Por conta dessa mistificação, um certo estigma de preconceito e desconfiança, acaba por criar barreiras à entrada masculina no magistério inicial. Esses estereótipos não apenas regulam comportamentos, mas também produzem desigualdades no ambiente escolar, já que reforçam dicotomias de gênero e limitam a atuação docente de maneira igualitária.

A permanência desses estereótipos de gênero no campo educacional evidencia que a escola não atua apenas como espaço de ensino e aprendizagem, mas também como um ambiente de produção de normas sociais. As práticas pedagógicas, as rotinas institucionais e as relações estabelecidas no cotidiano escolar contribuem para a naturalização de determinados papéis atribuídos a homens e mulheres, reforçando concepções tradicionais que atravessam a organização do trabalho docente. Dessa forma,

[...] O fato de a maioria dos professores corresponder a mulheres não é só uma questão numérica, mas produz marca dessa presença feminina na caracterização do grupo de profissionais da escola, nas formas de ensino, nas relações estabelecidas entre os diferentes atores que dão materialidade à escola. (Andrade et al., 2004, p.46).

No contexto da formação docente, essas representações exercem influência direta sobre as escolhas acadêmicas e profissionais dos sujeitos. Desde o ingresso nos cursos de licenciatura, observa-se a predominância feminina em áreas associadas ao cuidado, à educação infantil e aos anos iniciais, enquanto os homens tendem a buscar outras áreas consideradas socialmente mais valorizadas. Esse fenômeno não pode ser compreendido como fruto apenas de decisões individuais, mas como resultado de processos sociais mais amplos que moldam expectativas e trajetórias profissionais.

A ausência significativa de homens em determinadas etapas da educação básica contribui para a manutenção de uma divisão sexual do trabalho pedagógico.

Essa divisão se manifesta tanto na sala de aula quanto nas funções administrativas e de gestão, onde, paradoxalmente, a presença masculina costuma ser mais frequente. Assim, mesmo em um campo majoritariamente feminino, os espaços de poder e decisão permanecem, em muitos casos, associados ao masculino, revelando a persistência de desigualdades estruturais.

As condições de trabalho no magistério também desempenham papel relevante nesse cenário. A desvalorização social da profissão docente, expressa por baixos salários, sobrecarga de trabalho e limitado reconhecimento institucional, afeta diretamente a atratividade da carreira. Para os homens, essa desvalorização é agravada pelas expectativas sociais relacionadas ao provimento econômico e ao sucesso profissional, o que contribui para o afastamento ou abandono da docência.

Além disso, as experiências vivenciadas por professores homens no ambiente escolar são frequentemente marcadas por vigilância e controle simbólico. A necessidade constante de provar competência, idoneidade moral e adequação profissional gera tensões que impactam o exercício da docência. Esse cenário pode resultar em insegurança, autocensura e restrição das práticas pedagógicas, especialmente quando o trabalho envolve cuidado físico ou emocional com os alunos.

Do ponto de vista dos estudantes, a reprodução dessas desigualdades também produz efeitos significativos. A convivência em um ambiente escolar marcado por estereótipos limita a construção de referências diversas de gênero, influenciando a forma como crianças e jovens percebem as possibilidades de atuação social e profissional. A ausência de modelos masculinos na docência inicial, por exemplo, reforça a ideia de que cuidar, ensinar e educar são responsabilidades exclusivamente femininas.

Nesse sentido, torna-se fundamental reconhecer que a promoção da igualdade de gênero na educação exige transformações que vão além da presença numérica de homens e mulheres na docência. É necessário repensar práticas institucionais, políticas de formação e concepções pedagógicas, de modo a criar um ambiente mais inclusivo e democrático. Isso implica questionar naturalizações, romper com estigmas e valorizar a diversidade de sujeitos que compõem o espaço escolar.

A reflexão sobre gênero e docência permite, portanto, compreender a educação como um campo atravessado por disputas simbólicas e relações de

poder. Ao problematizar essas questões, abre-se espaço para a construção de práticas pedagógicas mais equitativas, capazes de contribuir para a formação de sujeitos críticos e conscientes das desigualdades sociais. Dessa forma, o debate sobre gênero na educação assume papel central na busca por uma escola mais justa e comprometida com a transformação social.

2.2 Feminização da docência

Antes de iniciar essa subseção é relevante considerar, no contexto da inserção das mulheres no magistério, a feminização e a feminilização docente, dois processos distintos que precisam ser compreendidos. Nesse sentido, Ataíde (2013, p. 58) contribui ao afirmar que:

O processo de feminização é compreendido como o ingresso e crescimento do número de mulheres em atividades profissionais, o que, segundo Yannoulas (1994) constitui a feminilização, por se referir ao aspecto quantitativo da presença feminina. Para a referida autora, somente quando o ofício ou a ocupação sofre alterações na sua prática, ocorre, efetivamente, a feminização.

Considerando que aqui serão priorizadas as alterações advindas dessa ocupação feminina, será discutida a feminização do magistério, que constitui um dos fenômenos mais marcantes da história da educação brasileira e exerce influência direta sobre a organização, o reconhecimento social e a valorização da profissão docente. Trata-se de um processo histórico e socialmente construído, no qual a docência, sobretudo na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, passou a ser associada majoritariamente às mulheres. Essa configuração não se explica apenas por escolhas individuais, mas está profundamente relacionada às construções sociais de gênero que definem papéis, expectativas e hierarquias entre homens e mulheres na sociedade.

Perante Carvalho (1998, p.04):

[...]a imagem social do trabalho docente com crianças marcou-se intensamente por [...]certa feminilidade, uma imagem de mulher pouco afeita à erudição e ao desenvolvimento intelectual, que se relaciona mal com o conhecimento e a racionalidade, sendo antes emotiva, maternal, infantilizada e capaz de empatia com as crianças.

Historicamente, o ingresso massivo das mulheres na docência ocorreu em um contexto no qual o trabalho feminino era visto como extensão das funções domésticas e maternas. O ensino das crianças pequenas passou a ser

compreendido como uma atividade ligada ao cuidado, à afetividade, à paciência e à moralização, características socialmente atribuídas ao feminino. Dessa forma, a presença das mulheres no magistério foi naturalizada, enquanto a docência deixou de ser percebida como uma profissão técnica e intelectual para ser entendida como uma vocação ou missão, reforçando a ideia de que ensinar crianças seria algo “natural” às mulheres.

Esse processo contribuiu para a consolidação de uma imagem da docência associada ao altruísmo, ao sacrifício e à dedicação pessoal, o que impactou diretamente a valorização profissional. Contudo, a profissão que já era desvalorizada, tanto que os homens, os primeiros a atuarem nela, buscaram outras profissões, levando à diminuição do número de docentes e à consequente necessidade de profissionais. Ataíde e Nunes (2016) reforçam isso ao afirmar que:

(...) diante da ausência de profissionais que assumissem o ofício docente, abriu-se às mulheres a oportunidade de acesso à vida pública por meio de uma profissão que a partir daí começa a requerer docentes dóceis, resignadas e submissas que, para se ornarem profissionais, estariam dispostas a pagar o preço da sujeição a condições desfavoráveis de trabalho.

A divisão sexual do trabalho também se manifesta de maneira interna à profissão docente. Embora as mulheres sejam maioria nas escolas, especialmente na Educação Infantil e nos anos iniciais, observa-se que os cargos de maior prestígio, poder decisório e melhor remuneração tendem a ser ocupados por homens. Funções de gestão, coordenação pedagógica, direção escolar e atuação em níveis mais elevados de ensino são espaços onde a presença masculina é proporcionalmente maior. Essa dinâmica evidencia que a feminização do magistério não eliminou as desigualdades de gênero, mas, em muitos casos, contribuiu para reforçar hierarquias internas.

Outro aspecto relevante diz respeito à construção das identidades docentes femininas. A expectativa de que a professora seja cuidadora, compreensiva e emocionalmente disponível pode gerar sobrecarga física e emocional, além de dificultar o reconhecimento de seu trabalho como atividade profissional qualificada. Muitas vezes, espera-se que a professora exerça múltiplos papéis, tais como: educadora, mãe simbólica, mediadora de conflitos, responsável pelo bem-estar emocional das crianças, sem que isso seja acompanhado de condições adequadas de trabalho ou valorização institucional.

A feminização do magistério também impacta a forma como a profissão é

escolhida e vivenciada. Para muitas mulheres, a docência surge como uma das poucas opções socialmente legitimadas de inserção no mercado de trabalho, especialmente em contextos de desigualdade social. A compatibilidade percebida entre o trabalho docente e as responsabilidades familiares ainda é um fator que influencia essa escolha, reforçando a ideia de que a profissão se ajusta às exigências tradicionalmente impostas às mulheres, como a conciliação entre trabalho remunerado e cuidado doméstico.

Por outro lado, a feminização da docência contribui para o afastamento dos homens da profissão, especialmente nos níveis iniciais da educação. A associação entre ensinar crianças pequenas e atributos femininos produz estranhamento em relação à presença masculina, gerando desconfiança, estigmatização e questionamentos sobre a legitimidade dos homens nesse espaço. Essa situação reforça estereótipos de gênero rígidos, que limitam tanto a atuação profissional dos homens quanto a diversidade de referências adultas oferecidas às crianças no ambiente escolar.

É importante destacar que a feminização do magistério não deve ser analisada como um problema em si, mas como um fenômeno que revela as desigualdades estruturais de gênero presentes na sociedade. O desafio central consiste em compreender como esse processo foi historicamente construído e quais são seus efeitos sobre a valorização da profissão docente, as relações de poder no interior da escola e a formação dos profissionais da educação. Questionar a naturalização da presença feminina na docência é um passo fundamental para reconhecer o caráter profissional, técnico e político do trabalho docente.

Portanto, discutir a feminização do magistério implica refletir sobre a necessidade de políticas públicas que valorizem a profissão, garantam melhores condições de trabalho e promovam a equidade de gênero no campo educacional. Também exige repensar a formação docente, de modo que ela contribua para a desconstrução de estereótipos e para a construção de uma identidade profissional baseada no reconhecimento do ensino como prática social complexa, que envolve conhecimento, planejamento, reflexão crítica e compromisso ético.

Por fim, compreender a feminização do magistério é essencial para analisar as transformações contemporâneas da docência e os desafios enfrentados pelos profissionais da educação. Ao evidenciar as relações entre gênero, trabalho e educação, essa discussão permite ampliar o olhar sobre a profissão docente,

reconhecendo que as desigualdades de gênero não são naturais, mas socialmente produzidas. Assim, problematizar a feminilização do magistério contribui para fortalecer a luta por uma educação mais justa, democrática e socialmente valorizada.

2.3 Docência e relações de gênero: implicações na escolha da profissão

Compreender a feminização da docência, como foi abordado anteriormente, permite avançar na análise de suas implicações contemporâneas. Entre elas, sobressai a influência das normas de gênero na escolha profissional, aspecto que a revela como expectativas sociais continuam orientando trajetórias formativas.

A escolha da docência como profissão não se configura como um ato puramente individual ou resultado exclusivo de aptidões pessoais, mas como uma decisão profundamente atravessada por relações sociais, culturais e históricas que estruturam as desigualdades de gênero. No campo educacional, tais relações exercem influência decisiva sobre quem ensina, em quais níveis de ensino e sob quais condições o trabalho docente é realizado. A docência, especialmente na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, constitui um espaço profissional marcado por construções simbólicas que associam o ensino ao cuidado, à afetividade e à moralização, atributos tradicionalmente vinculados ao feminino.

Desde os processos iniciais de socialização, meninos e meninas são educados a partir de expectativas distintas, que influenciam a construção de interesses, habilidades e projetos de vida, repercutindo diretamente nas escolhas educacionais e profissionais (Louro, 1997; Scott, 1995).

Essas expectativas moldam interesses, comportamentos e projetos de vida, interferindo diretamente nas escolhas educacionais e profissionais. As meninas tendem a ser incentivadas a desenvolver habilidades relacionadas à comunicação, à empatia e ao cuidado, enquanto os meninos são estimulados a buscar atividades associadas à liderança, à racionalidade técnica e à autoridade. Nesse contexto, a docência passa a ser compreendida como uma opção profissional “adequada” às mulheres, ao passo que se torna pouco valorizada ou até desestimulada para os homens.

As relações de gênero, portanto, operam como um filtro simbólico que orienta

a escolha da profissão docente. Para muitas mulheres, o ingresso no magistério ocorre não apenas por afinidade com o ensino, mas também pela conformidade com expectativas sociais que legitimam sua presença nesse espaço. A docência é frequentemente apresentada como uma profissão compatível com a maternidade e com as responsabilidades domésticas, o que reforça sua associação ao feminino e contribui para a manutenção da divisão sexual do trabalho. Essa percepção impacta diretamente o modo como a profissão é escolhida e vivenciada, especialmente em contextos nos quais as alternativas de inserção profissional feminina são limitadas.

No caso dos homens, a escolha da docência, sobretudo nos níveis iniciais da educação, é marcada por tensões e contradições. Ao optar por uma profissão historicamente feminilizada, muitos enfrentam questionamentos sociais, desconfianças e estigmatizações que colocam em dúvida sua legitimidade profissional. A presença masculina na Educação Infantil e nos anos iniciais ainda é percebida como exceção, o que evidencia a persistência de normas de gênero rígidas que delimitam os espaços considerados apropriados para homens e mulheres. Essas barreiras simbólicas influenciam diretamente a decisão de ingressar ou permanecer na docência, afastando muitos homens da profissão.

Além disso, a escolha da docência é impactada pela valorização social e econômica atribuída à profissão. Profissões associadas ao feminino tendem a ser menos valorizadas do ponto de vista salarial e simbólico, o que reforça a desigualdade de gênero no mercado de trabalho. A docência, ao ser percebida como uma extensão das funções de cuidado tradicionalmente desempenhadas pelas mulheres, sofre com baixos salários, precarização das condições de trabalho e limitado reconhecimento social. Esse cenário influencia a decisão de muitos homens, socialmente pressionados a assumir o papel de provedores, a evitar carreiras consideradas pouco rentáveis ou de baixo prestígio.

As relações de gênero também interferem na forma como a docência é apresentada durante os processos de formação inicial. Nos cursos de Pedagogia, majoritariamente frequentados por mulheres, a presença masculina costuma ser minoritária, o que reforça a ideia de que o curso e a profissão não foram pensados para homens. Essa configuração pode gerar sentimentos de isolamento, inadequação e questionamento identitário entre os estudantes homens, influenciando suas trajetórias acadêmicas e suas escolhas profissionais futuras. Ao

mesmo tempo, para muitas mulheres, a presença massiva no curso reforça a naturalização da docência como destino profissional feminino.

Outro aspecto relevante diz respeito à construção da identidade docente. As expectativas de gênero influenciam não apenas a escolha da profissão, mas também a forma como professores e professoras constroem suas identidades profissionais. As mulheres, frequentemente, são cobradas a desempenhar um papel que extrapola o ensino de conteúdos, assumindo responsabilidades emocionais e relacionais que não são igualmente exigidas dos homens. Essa sobrecarga pode afetar a permanência na profissão, o bem-estar docente e a percepção de reconhecimento profissional. Por outro lado, os homens que ingressam na docência podem sentir-se pressionados a adotar posturas de autoridade ou a evitar práticas associadas ao cuidado, como forma de reafirmar sua masculinidade.

As relações de gênero também se manifestam nas trajetórias de ascensão profissional dentro da educação. Embora as mulheres sejam maioria no magistério, observa-se que os homens tendem a ocupar, com maior frequência, cargos de gestão, coordenação e direção. Essa dinâmica evidencia que a escolha da docência não elimina as desigualdades de gênero, mas pode reproduzi-las de maneira interna, criando hierarquias que beneficiam os homens mesmo em uma profissão feminizada. Tal cenário impacta a forma como a profissão é percebida e pode influenciar as expectativas de carreira de quem ingressa na área.

É importante destacar que a escolha da docência também pode representar, para alguns sujeitos, uma forma de resistência às normas de gênero. Homens que optam por atuar na Educação Infantil ou nos anos iniciais, por exemplo, desafiam estereótipos tradicionais e ampliam as possibilidades de identificação para as crianças. Da mesma forma, mulheres que buscam espaços de liderança e gestão educacional questionam a divisão sexual do trabalho e contribuem para a construção de relações mais equitativas no campo educacional. Essas experiências evidenciam que, embora as relações de gênero imponham limites, elas também podem ser tensionadas e transformadas.

Compreender as implicações das relações de gênero na escolha da profissão docente é fundamental para pensar políticas públicas e estratégias de formação que promovam maior equidade no campo educacional. Isso envolve repensar os

discursos que associam a docência ao feminino, valorizar o trabalho docente em termos materiais e simbólicos e criar condições para que homens e mulheres possam escolher a profissão a partir de interesses e projetos pessoais, e não de expectativas socialmente impostas. A formação inicial e continuada de professores desempenha papel central nesse processo, ao possibilitar reflexões críticas sobre gênero, identidade e trabalho docente.

Por fim, analisar a docência a partir das relações de gênero permite compreender que a escolha profissional é resultado de processos complexos, que envolvem socialização, poder, valores culturais e condições materiais. Ao evidenciar como essas relações influenciam quem escolhe ensinar e em que condições o faz, amplia-se o entendimento sobre os desafios enfrentados pela profissão docente e sobre a necessidade de transformações estruturais que promovam justiça social e igualdade de gênero. Nesse sentido, discutir as implicações das relações de gênero na escolha da docência contribui para fortalecer o reconhecimento da educação como campo estratégico na construção de uma sociedade mais democrática e inclusiva.

3 OS HOMENS NA PEDAGOGIA

Se as escolhas profissionais são atravessadas por construções de gênero, como relatado acima, torna-se pertinente investigar como tais dinâmicas se manifestam na realidade concreta dos homens que ingressam na Pedagogia. É nesse movimento que o debate teórico se articula às experiências vividas pelos sujeitos pesquisados.

A presença masculina na Pedagogia constitui um fenômeno historicamente marcado por tensões, silenciamentos e desafios, especialmente em um campo profissional socialmente associado ao feminino. No Brasil, a docência, sobretudo na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, consolidou-se ao longo do tempo como uma profissão fortemente feminizada, vinculada a representações sociais que associam o cuidado, a afetividade e a educação das crianças às mulheres. Nesse contexto, a inserção de homens na Pedagogia rompe expectativas tradicionais de gênero e evidencia como as construções sociais influenciam a escolha profissional e a organização do trabalho docente.

Os homens que optam pela formação em Pedagogia frequentemente enfrentam estranhamentos, estigmatizações e desconfianças quanto à sua presença em espaços educacionais, principalmente aqueles voltados ao cuidado e à educação de crianças pequenas. Tais experiências revelam que a divisão sexual do trabalho permanece operante no campo educacional, produzindo desigualdades simbólicas e materiais que afetam a trajetória formativa e profissional desses sujeitos. Assim, a presença masculina na Pedagogia não pode ser compreendida apenas como uma escolha individual, mas como um fenômeno atravessado por normas sociais, culturais e históricas que regulam os papéis de gênero.

Dessa forma, mapear os homens na Pedagogia, destacando o perfil socioeconômico, cultural e acadêmico, além de suas vivências e percepções do/no Curso de Licenciatura plena em Pedagogia, especialmente na Universidade Federal do Maranhão (UFMA) no Campus de São Luís, implica problematizar os estereótipos de gênero que limitam a participação masculina na docência, bem como refletir sobre os impactos dessas construções na formação docente, nas práticas pedagógicas e nas relações estabelecidas no ambiente escolar. Nessa perspectiva, busca-se contribuir para o debate sobre a pluralidade de identidades na profissão docente e para a construção de uma educação comprometida com a equidade de gênero e com

o reconhecimento da diversidade no exercício do magistério.

3.1 Perfil socioeconômico, cultural e acadêmico dos homens estudantes de Pedagogia da UFMA

Para compreender a presença masculina no curso, faz-se necessário inicialmente delinear quem são esses sujeitos, situando-os em seus contextos sociais, culturais e acadêmicos. Tal caracterização possibilita uma leitura mais precisa de suas trajetórias formativas.

Dando início as análises de dados coletados por meio de entrevistas semi estruturadas dos três entrevistados, onde dois disponibilizaram sua identificação e um optou por ser identificado somente pelo primeiro nome. Essa pesquisa contou com a contribuição e falas dos alunos do curso de pedagogia no qual diz respeito ao seu perfil, experiências expectativas, vivências e desafios encontrados durante o curso e o que esperam sobre o mercado de trabalho.

O primeiro dos entrevistados chama-se Nadson Nascimento Martins de 28 anos, homossexual, que está atualmente no 10º período do curso e o último também, pois já finaliza sua graduação no semestre de 2025.2. Antes de entrar no curso de pedagogia, relatou que:

“Eu já cursei outra graduação, foi de turismo e hotelaria só que foram incompletos. Acabei mudando por questões de identificação, não me identifiquei com os cursos apesar de gostar muito da área, mas preferi seguir a licenciatura. Com a pedagogia hoje eu já atuei em áreas ligadas à educação, atuei em estágio no Sesc, foi com educação infantil em uma turma de crianças com cinco anos. Fora dos espaços convencionais de escola, eu estagiei no Ministério Público na escola Superior do Ministério Público que já é basicamente diferente de tudo o que a experiência anterior tinha me dado. Então eu atuei durante dois anos na escola superior o Ministério Público, durante esses dois anos fui efetivado e continuo trabalhando como assistente pedagógico dentro desse mesmo setor no Ministério Público.” (Nadson)

O segundo entrevistado tem de sua graça como Adriano Nogueira Almeida, Bissexual. Está no 9º período. Quando perguntado se já cursou outro curso, informou que:

Sim, Direito. Sim, já atuei por 6 anos como cuidador escolar em uma escola na rede de São Luís e atualmente a quase 2 anos já como. Auxiliar de Desenvolvimento Infantil na rede de paço do Lumiar. Além de vários estágios extracurriculares em escola como Sesi Alemenha, estágio da prefeitura de São Luís e colégio Sol!” (Adriano)

O terceiro entrevistado chama-se Jonas Vitor Vieira Cruz Moraes. Diante a

construção do seu perfil ele nos relatou que possui 24 anos, sexualidade heterossexual. Não cursou outras graduações antes da licenciatura em Pedagogia e já trabalhou como assistente de supervisão, auxiliar de sala, terapeuta aba e tutor (acompanhante terapêutico escolar).

Por meio desse ponta pé inicial das entrevistas semiestruturadas com os três estudantes do curso de Pedagogia da UFMA e conhecendo um pouco do seu perfil, deixa evidente que possuem trajetórias formativas marcadas pela diversidade de percursos, experiências e expectativas em relação à docência. Os relatos demonstram que a escolha pela Pedagogia, para parte dos entrevistados, não ocorreu como primeira opção acadêmica, mas resultou de processos de identificação construídos ao longo do tempo, especialmente após vivências em outras áreas de formação e atuação profissional.

Conforme aponta Tardif (2002), o saber do professor está intimamente relacionado à sua história de vida, identidade e experiências de trabalho, sendo produzido e ressignificado ao longo da prática profissional. As experiências relatadas, tanto em espaços escolares quanto em contextos educativos não escolares revelam a amplitude do campo de atuação do pedagogo e contribuem significativamente para a consolidação da identidade profissional desses sujeitos.

3.2 Vivências e percepções do/no Curso de Pedagogia

As vivências no curso de Pedagogia constituem um elemento central para a compreensão dos processos de formação docente, especialmente quando analisadas a partir das percepções dos próprios sujeitos que vivenciam essa trajetória. No caso dos entrevistados desta pesquisa, suas experiências no curso revelam não apenas aspectos relacionados à organização curricular e às práticas formativas, mas também as formas como as relações de gênero se manifestam no cotidiano acadêmico, influenciando sentimentos de pertencimento, identificação profissional e construção da identidade docente. Portanto:

Não são propriamente as características sexuais, mas a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico.” (Louro, 1997, p. 21).

As narrativas evidenciam que o curso de Pedagogia se configura como um

espaço marcado por representações sociais historicamente associadas ao feminino, o que impacta diretamente a experiência dos homens que nele ingressam. Como retrata Carvalho (1999, p. 32) “A feminização do magistério não se limita à presença majoritária de mulheres, mas envolve um conjunto de significados simbólicos que definem quem pertence e quem estranha esse espaço profissional.”

Quando questionados sobre a escolha do curso, relataram sua trajetória e tanto como a docência os escolheram, quanto como escolheram a docência.

“Bem, eu sempre estive envolvido com educação e sempre tive um desejo muito forte de ser professor, então eu acredito que o que me motivou a escolher a pedagogia foi justamente por acreditar na educação. A minha mãe, ela sempre me incentivou muito a estudar mesmo ela tendo interrompido os seus estudos, então eu não lembro de faltar aulas, eu não lembro de não ir para escola e não lembro de não gostar de estar na escola. Eu gostava, eu era muito amigo dos meus professores. Também atuei como professor da escola bíblica dominical da igreja que eu participava com crianças de zero a cinco anos e em um reforço escolar com a minha tia. Então eu acredito que isso acendeu mais ainda essa chama, só não sabia qual a área seria.”(Nadson)

“Eu terminava Direito quando passei no concurso para cuidador escolar. Com isso, então, nasceu em mim, aos poucos, a paixão pela educação! Estando no chão da escola todos os dias, vi que aquilo era, na verdade, o que queria seguir, não apenas como cuidador, mas um professor, coordenador ou diretor! Na verdade foi uma paixão despertada da infância, visto que escola era minha brincadeira preferida com meus primos. Me formei em Direito, mas um tempo depois me coloquei pra fazer Pedagogia, no intuito de crescer no ambiente escolar, ambiente este que eu estava me identificando profissionalmente.” (Adriano)

“Inicialmente eu pensava em serviço social, que foi minha primeira opção. Pedagogia era minha segunda opção de curso na época e a vaga que consegui naquele início de 2019. Minha mãe foi com quem falei e quem me convenceu a cursar a licenciatura. Que teve um momento de início arrebatador e que me apaixonou tanto a ponto de querer ficar, mesmo tendo conseguido uma vaga no segundo semestre daquele ano para o outro curso que inicialmente era o que eu tinha escolhido fazer, e até hoje, não me arrependo da decisão que fiz, de ter escolhido a Pedagogia.” (Jonas)

As experiências vivenciadas ao longo da formação, como estágios, disciplinas práticas e contatos com diferentes campos de atuação do pedagogo, favorecem a ampliação do entendimento sobre o papel desse profissional, tanto em espaços escolares quanto em contextos educativos não escolares.

Quando questionados sobre se houve incentivo ou resistência por parte da família, amigos ou meio social, obtivemos os seguintes relatos:

*[...] Em relação à Pedagogia, não houve nenhuma resistência da minha mãe. Ela sempre acreditou que eu seria professor, sempre soube disso. Não me lembro de nenhuma oposição; ao contrário, lembro de muita comemoração.
[...] (Nadson)*

Tiveram críticas como: tu vai deixar de seguir a carreira de Direito pra cursar pedagogia?! Tem certeza, Adriano?! Advogado ganha muito mais que professor!!! Mas na minha cabeça nada mudava com relação ao que eu queria! Até porque não via atuando como advogado mesmo! Um curso maravilhoso, mas não me via atuando! Incentivo da minha mãe era meio tímido! Rs (Adriano)

Incentivo, principalmente por parte da minha mãe, que tem alguns irmãos, homens e mulheres, professores(as). (Jonas)

Nesse sentido, as vivências relatadas pelos entrevistados permitem problematizar situações de estranhamento, silenciamentos que atravessam tanto as relações entre colegas quanto as interações com docentes e demais membros da comunidade acadêmica. Tais experiências contribuem para a compreensão de como o gênero opera como categoria estruturante no processo formativo.

Dentro da fala do entrevistado Adriano, fica bastante claro como a profissão docente ainda é bastante desvalorizada, tanto socialmente e moralmente, seja por meio dos questionamentos saláris que não condizem com o que o trabalho exigem dos profissionais, quando a desvalorização da sua importância na construção de uma sociedade e na construção humana do ser. Conforme nos diz Pimenta (1999.p. 18): “A identidade do professor se constrói a partir da significação social da profissão, sendo profundamente afetada pelas condições concretas de trabalho e pelo reconhecimento social da docência.”

Nadson relata que não sofreu críticas dos familiares e dos amigos e amigas, mas em se tratando da representação que se tem do curso atrelada a funções femininas, dentre elas, trabalhar com crianças, houve estranheza, deixando clara a desvalorização social e a feminização da profissão que interferem na escolha do curso:

[...] Nunca ouvi comentários negativos por parte da família, nem resistência dos amigos. No entanto, já ouvi comentários do tipo: “É um curso de mulher” ou “Tu quer trabalhar com crianças mesmo? [...]” (Nadson)

A presença masculina no curso de Pedagogia ainda se configura como minoritária, o que impacta diretamente as experiências vivenciadas pelos estudantes homens. As falas revelam percepções de estranhamento, preconceito e sentimentos de não pertencimento, tanto no interior do curso quanto fora dele, evidenciando como as normas de gênero influenciam a formação docente. Como é evidenciado pela fala dos entrevistados:

Eu percebo a presença de homens, primeiro, como uma presença distinta, né? São raros os homens que se posicionam; a gente quase não vê. No turno da noite eu consigo perceber um pouco mais do que no turno em que eu

estudo. Eu percebo essa presença como uma quebra de estigmas, de preconceitos e de estereótipos, porque, quando você está seguindo uma reta e resolve ir na contramão, que é o caso da presença masculina na Pedagogia [...] (Nadson)

Bem tímida! Em quase todas as turmas percebo que dentre 25 alunos uma média de 5 apenas são homens! Até que na turma que eu iniciei, noturno, tinha uns 8! Um pouco mais da média! Mas de fato é uma presença pouco marcante. (Adriano)

Somos muito bem acolhidos, mas eu pelo menos me senti[...] desconfortável, pois ainda existe um preconceito por parte de alguns, da sociedade, que dizem que a Pedagogia é um curso de meninas. (Jonas)

Para alimentar as falas dos entrevistados e com dados obtidos e fornecidos pela coordenação do curso, no semestre 2025.2, o curso de Pedagogia da UFMA conta com 609 estudantes com matrícula ativa. Desse total, 555 são mulheres e apenas 54 são homens, o que evidencia a expressiva predominância feminina no curso.

Ao observar a distribuição por turno, percebe-se que, no período vespertino, dos 306 estudantes matriculados, 294 são mulheres e somente 12 são homens, revelando uma presença masculina bastante reduzida. No turno noturno, embora haja um número maior de homens em relação ao vespertino, a desigualdade de gênero permanece evidente: dos 303 estudantes matriculados, 261 são mulheres e 42 são homens. Esses dados confirmam a forte feminização do curso de Pedagogia na UFMA, refletindo uma tendência histórica e socialmente construída na formação docente no Brasil.

4. DESAFIOS E EXPECTATIVAS QUANTO À PROFISSÃO DOCENTE

As experiências formativas relatadas pelos estudantes não se limitam ao período universitário, projetando-se nas expectativas e nos desafios relacionados ao exercício da docência. Dessa forma, a análise avança para as perspectivas profissionais construídas a partir dessas vivências.

A compreensão das expectativas em relação à profissão docente constitui um elemento fundamental para a análise das trajetórias formativas e dos projetos profissionais dos discentes do curso de Pedagogia. Tais expectativas são construídas a partir das experiências vivenciadas ao longo da formação inicial, das condições sociais e institucionais da docência e das relações de gênero que atravessam o campo educacional, influenciando escolhas, permanências e projeções de futuro.

Nesse sentido, torna-se relevante analisar como os estudantes, especialmente os homens, percebem suas possibilidades de inserção profissional, os caminhos que consideram viáveis dentro da área da educação e as estratégias mobilizadas para valorização e continuidade de suas trajetórias acadêmicas e profissionais. Dessa forma, este capítulo tem como objetivo identificar as perspectivas profissionais e as pretensões de carreira desses discentes, incluindo possíveis áreas de atuação e a continuidade acadêmica.

4.1 Principais desafios enfrentados pelos homens na profissão docente

A inserção de homens na profissão docente ocorre em um contexto historicamente marcado pela feminização do magistério e por normas de gênero que definem expectativas distintas para homens e mulheres no mundo do trabalho. Embora a docência seja uma atividade essencial para a sociedade, sua associação ao cuidado, à afetividade e à educação de crianças pequenas contribuiu para que fosse socialmente atribuída ao feminino. Nesse cenário, os homens que optam por essa profissão enfrentam desafios específicos que extrapolam as questões pedagógicas e se relacionam diretamente com estigmas sociais, relações de poder, desigualdades de gênero e processos de construção identitária.

Um dos principais desafios enfrentados pelos homens na docência é a suspeita social e a estigmatização de sua presença, especialmente na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. O cuidado com crianças pequenas, socialmente entendido como uma atribuição feminina, faz com que o

homem docente seja visto como alguém “fora do lugar”. Essa percepção gera desconfiança por parte de famílias, colegas e gestores, levando à vigilância constante de suas ações e comportamentos. Em muitos casos, o professor homem precisa demonstrar continuamente sua idoneidade moral e profissional, o que, diferentemente do passado, não é exigido da mesma forma das mulheres. É possível notar isso nas falas dos entrevistados:

“[...] Existe um estranhamento muito grande quando um homem diz que faz Pedagogia, principalmente quando fala da Educação Infantil. São olhares diferentes, perguntas invasivas e uma desconfiança que não acontece com as mulheres.” (Nadson)

“Já senti preconceito dentro do campus e também na sociedade. A impressão que eu tinha era de que as pessoas não entendiam o que um homem estava fazendo naquele curso, como se eu estivesse ocupando um espaço que não era meu.” (Jonas)

Outro desafio significativo é o questionamento da legitimidade da escolha profissional. Homens que escolhem a docência frequentemente têm sua decisão colocada em dúvida, seja por meio de comentários que associam a profissão à falta de ambição financeira, seja pela ideia de que o magistério não corresponde a um ideal masculino de sucesso. Esse questionamento pode afetar a autoestima profissional e contribuir para sentimentos de inadequação, especialmente em contextos nos quais a docência é desvalorizada social e economicamente. As falas dos entrevistados revelam como a Pedagogia é frequentemente associada à falta de prestígio e retorno financeiro, o que gera dúvidas externas e internas sobre a legitimidade dessa escolha profissional. Como apontam:

“Ouvi muito comentário do tipo: ‘tu vai deixar Direito para fazer Pedagogia?’. As pessoas não entendem, acham que é um retrocesso. O incentivo da minha mãe foi meio tímido, porque ela também tinha medo da questão financeira e do reconhecimento profissional.” (Adriano)

‘A gente percebe que a profissão já é desvalorizada e, quando é um homem, parece que isso pesa ainda mais, como se não fosse um caminho legítimo ou esperado.’ (Nadson)

A condição de minoria nos espaços formativos e profissionais também se configura como um obstáculo relevante. Nos cursos de Pedagogia, a presença masculina costuma ser reduzida, o que pode gerar isolamento, dificuldade de pertencimento e ausência de referências identitárias. Muitos estudantes homens relatam sentir-se deslocados em ambientes majoritariamente femininos, o que pode impactar sua permanência no curso e sua identificação com a profissão. Essa

experiência se prolonga, em muitos casos, no exercício profissional, em que o professor homem continua sendo exceção:

“Pelo menos me senti em muitos momentos, no começo, como um peixe fora d'água.” (Jonas)

“São raros os homens no curso. Estar na Pedagogia sendo homem é, de certa forma, quebrar normas e padrões sociais.” (Nadson)

A vigilância sobre o corpo, os gestos e as práticas pedagógicas constitui outro desafio central. Homens docentes tendem a evitar contato físico com as crianças, mesmo quando esse contato é necessário para o cuidado, o acolhimento ou a mediação pedagógica, por medo de interpretações equivocadas. Essa limitação interfere diretamente na qualidade das interações educativas e pode empobrecer as experiências das crianças, além de gerar tensão constante no cotidiano profissional do docente. Perante os relatos obtidos, podemos observar como isso impacta sobre o professor homem:

“[...] Os estágios na Educação Infantil foram os mais desafiadores[...]. Sempre tive medo do meu corpo chegar antes do corpo da criança. [...] O banho, a troca, o cuidado diário são momentos ricos, mas que muitas vezes são proibidos aos homens[...]. A gente fica se policiando o tempo todo.[...]” (Nadson)

“[...] O contato com a criança é sempre um desafio, [...] porque a gente sabe que qualquer coisa pode ser interpretada de forma errada. Então é preciso muito diálogo e cuidado[...].” (Adriano)

“As práticas na educação infantil, por ser um ambiente ainda em que se confiam mais só em mulheres.” (Jonas)

Além disso, os homens na docência enfrentam pressões para reafirmar modelos tradicionais de masculinidade. Espera-se, muitas vezes, que assumam papéis ligados à disciplina, à autoridade e ao controle, reforçando estereótipos de gênero dentro da escola. Essa expectativa pode afastá-los de práticas pedagógicas baseadas no afeto, na escuta e na sensibilidade, contribuindo para uma atuação limitada e marcada por conflitos identitários. Como é apresentado por pelo entrevistado Jonas:

“Às vezes parece que esperam que o homem seja mais rígido, mais sério, o disciplinador. Isso acaba criando um conflito, porque a docência vai muito além disso.” (Jonas)

A baixa valorização econômica e simbólica da profissão docente representa um desafio adicional. Profissões feminizadas tendem a receber menor

reconhecimento social e salários reduzidos, o que afeta diretamente a permanência dos homens na carreira. A pressão social para que o homem seja provedor financeiro da família faz com que muitos evitem ou abandonem a docência em busca de ocupações consideradas mais rentáveis ou prestigiadas, reforçando o ciclo de feminização da profissão.

Outro aspecto relevante diz respeito à segmentação das funções dentro do campo educacional. Embora a docência seja feminizada, observa-se que homens tendem a ser incentivados ou direcionados para cargos de gestão, coordenação ou direção - como veremos no subtópico seguinte, afastando-se da sala de aula, especialmente nos níveis iniciais. Essa dinâmica reproduz desigualdades de gênero internas à profissão e limita a atuação pedagógica dos homens, ao mesmo tempo em que reforça hierarquias simbólicas.

A ausência de políticas institucionais voltadas à diversidade de gênero no campo educacional aprofunda esses desafios. Poucas instituições oferecem espaços de formação, debate e acolhimento que considerem as especificidades da presença masculina na docência. A falta de discussões sistemáticas sobre gênero na formação inicial e continuada contribui para a naturalização dos estigmas e para o silenciamento das experiências dos homens docentes.

Todos esses desafios impactam diretamente a construção da identidade profissional dos homens na docência. A necessidade constante de negociar expectativas sociais, estereótipos e práticas pedagógicas pode gerar desgaste emocional, insegurança e sentimento de não pertencimento. Ainda assim, a presença masculina na docência também pode representar uma possibilidade de ruptura com modelos tradicionais de gênero, ampliando referências para as crianças e contribuindo para a construção de relações mais igualitárias no ambiente escolar.

4.2 Expectativas quanto a possíveis áreas de atuação e continuidade acadêmica

A identificação dos desafios vivenciados na profissão conduz, inevitavelmente, à reflexão sobre as estratégias e projeções de futuro desses sujeitos. Nesse contexto, as expectativas quanto às áreas de atuação e à continuidade acadêmica revelam caminhos possíveis de permanência e afirmação profissional.

As expectativas em relação à profissão docente são construídas a partir de múltiplos fatores, entre eles as experiências pessoais, o contexto social, as condições

materiais da carreira e as relações de gênero que atravessam o campo educacional. No caso dos homens que ingressam na Pedagogia, tais expectativas são fortemente influenciadas pela feminização histórica do magistério e pelas representações sociais que delimitam quais espaços profissionais são considerados mais adequados ou legítimos para homens e mulheres.

De modo geral, observa-se que as expectativas quanto às áreas de atuação na docência não se restringem à sala de aula, mas se ampliam para outros espaços do campo educacional. A atuação em funções de gestão, coordenação pedagógica, supervisão escolar e áreas administrativas aparece como uma possibilidade recorrente, especialmente entre os homens. Esse movimento pode ser compreendido como resultado tanto de interesses individuais quanto da reprodução de uma lógica de gênero que associa os homens a cargos de liderança, autoridade e tomada de decisão, mesmo em uma profissão majoritariamente feminina.

A docência, especialmente nos níveis iniciais da educação, foi historicamente associada às mulheres, em função de representações sociais que vinculam o cuidado, a afetividade e a maternagem ao feminino, o que contribuiu para a feminização do magistério e para a construção de expectativas diferenciadas para homens e mulheres no campo educacional (Louro, 1997; Bruschini, 2007).

“No início, quando eu entrei no curso de Pedagogia, eu não me via muito atuando diretamente na Educação Infantil. Eu pensava mais em trabalhar na coordenação pedagógica ou em alguma área administrativa da educação, porque parecia um espaço onde eu me sentiria mais confortável e onde eu acreditava que teria mais possibilidades de atuação.” (Adriano)

“Quando a gente entra no curso de Pedagogia, a gente já começa a pensar em outras possibilidades além da sala de aula. A gestão, a coordenação e até a supervisão escolar aparecem como caminhos mais viáveis, principalmente para homens, porque são áreas que parecem ter mais reconhecimento.” (Jonas)

Além da gestão escolar, outras áreas também passam a compor as expectativas profissionais, como a docência no Ensino Superior, a atuação em espaços não escolares, a produção acadêmica e o desenvolvimento de pesquisas na área da educação. A universidade, nesse sentido, aparece como um espaço de ampliação das possibilidades profissionais e de ressignificação da identidade docente, sobretudo para aqueles que não se identificam plenamente com a atuação na Educação Infantil ou nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

“Sempre tive interesse pela área acadêmica. Desde o começo do curso, a

pesquisa e a docência no ensino superior surgiram para mim como uma possibilidade real dentro da Pedagogia, algo que me motivou a continuar, mesmo diante das dificuldades e dos preconceitos que existem.” (Nadson)

“A ideia de dar aula na universidade ou seguir na pesquisa foi algo que me fez permanecer no curso. O ensino superior é um espaço onde a docência parece ser mais valorizada e onde a gente sente que pode ter mais reconhecimento.” (Jonas)

De acordo com Connel (2016) e Bourdieu (2012) as expectativas que associam os homens a cargos de liderança e tomada de decisão refletem a reprodução de hierarquias de gênero, nas quais a autoridade e o poder simbólico são historicamente atribuídos ao masculino, inclusive em profissões majoritariamente femininas

A continuidade acadêmica surge como um elemento central na construção dessas expectativas. O ingresso em programas de pós-graduação, como especializações, mestrado e doutorado, é frequentemente percebido como uma estratégia de valorização profissional, ascensão social e ampliação do reconhecimento simbólico da docência. Como reforça Saviani (2009, p. 151) “A formação em nível de pós-graduação tem sido compreendida como um caminho de valorização do trabalho docente e de fortalecimento da profissionalização do professor.”

Para muitos homens, a trajetória acadêmica representa também uma forma de enfrentar a desvalorização histórica da profissão e de construir um percurso profissional considerado socialmente mais legítimo. Dito isso, os relatos entram em compatibilidade relatando o seguinte:

“Eu penso muito em fazer mestrado e doutorado. A pós-graduação aparece para mim como uma forma de valorização profissional, tanto no sentido financeiro quanto no reconhecimento do trabalho docente.” (Adriano)

“A continuidade acadêmica é quase um caminho natural para quem quer permanecer na educação e ser reconhecido profissionalmente. Fazer mestrado, doutorado, acaba sendo uma possibilidade concreta de crescimento dentro da área.” (Nadson)

As relações de gênero exercem papel decisivo nesse processo, uma vez que influenciam tanto as escolhas quanto as projeções de futuro dos sujeitos. Enquanto a atuação direta com crianças pequenas ainda é atravessada por estigmas e desconfianças quando exercida por homens, áreas como gestão, docência no Ensino Superior e pesquisa tendem a ser socialmente mais aceitas e incentivadas. Dessa forma, as expectativas profissionais acabam sendo moldadas por hierarquias internas

à própria profissão docente, que reproduzem desigualdades de gênero.

“Existe uma expectativa muito forte de que o homem vá para cargos de liderança. Muitas vezes as pessoas falam que eu tenho perfil para gestão, para coordenação ou para direção, como se isso fosse algo natural, só pelo fato de eu ser homem.” (Jonas)

É importante destacar que essas expectativas não devem ser compreendidas apenas como escolhas individuais, mas como construções sociais produzidas em um contexto de desigual valorização das diferentes áreas da educação. Ao mesmo tempo, elas revelam estratégias de permanência e resistência no campo educacional, na medida em que os homens buscam caminhos que possibilitem reconhecimento, estabilidade e realização profissional.

“Mesmo com todos os desafios que a gente enfrenta dentro da Pedagogia, o curso me abriu muitas possibilidades. Hoje eu consigo pensar em um futuro dentro da educação, seja na docência, na pesquisa ou em outros espaços ligados à área.”(Nadson)

Compreender as expectativas quanto às possíveis áreas de atuação e à continuidade acadêmica permite analisar de que forma os homens constroem seus projetos profissionais dentro da docência e como as relações de gênero seguem organizando trajetórias, oportunidades e limites no interior da profissão.

5 CONSIDERAÇÕES

As análises desenvolvidas ao longo deste trabalho permitiram compreender e investigar como os homens que cursam Pedagogia percebem e vivenciam sua formação acadêmica, bem como suas perspectivas de atuação na docência com crianças, em um contexto profundamente marcado por estereótipos, expectativas sociais e relações de gênero historicamente construídas. As narrativas dos participantes evidenciam que a experiência formativa não se restringe aos conteúdos curriculares ou às práticas pedagógicas, mas é atravessada por tensões simbólicas que afetam o sentimento de pertencimento, a construção da identidade docente e a projeção profissional desses sujeitos.

No que se refere às vivências na formação acadêmica e à atuação na docência com crianças, os relatos revelam que os homens experimentam a Pedagogia como um espaço simultaneamente formativo e desafiador. A presença masculina, especialmente quando associada à Educação Infantil, ainda desperta estranhamentos, desconfianças e vigilância constante, tanto no ambiente acadêmico quanto nos espaços de estágio. Essas experiências fazem com que os estudantes desenvolvam estratégias de autoproteção e autocontrole, sobretudo em relação ao corpo, ao toque e às práticas de cuidado, o que impacta diretamente suas vivências pedagógicas. Ainda assim, os participantes reconhecem o potencial transformador da docência e atribuem à educação um papel central na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

As implicações das relações de gênero na docência tornam-se evidentes quando se analisa o processo de feminização do magistério e sua influência na escolha profissional. A associação histórica entre docência, cuidado e maternidade contribui para a naturalização da presença feminina na Educação Infantil e para a deslegitimação simbólica da atuação masculina. Os dados da pesquisa confirmam que tais construções sociais não apenas afastam homens da profissão, como também reforçam a desvalorização social e econômica da docência, afetando homens e mulheres. Nesse sentido, a feminização do magistério não pode ser compreendida como resultado de uma “vocação natural”, mas como um fenômeno social e histórico que reproduz desigualdades de gênero no interior da profissão docente.

Quanto ao perfil socioeconômico, cultural e acadêmico dos discentes, observa-se que os participantes apresentam trajetórias marcadas por vínculos prévios com a educação, seja por meio da família, da igreja, de experiências profissionais anteriores ou do contato cotidiano com o espaço escolar. A escolha pela Pedagogia, em muitos casos, não ocorreu de forma linear, sendo atravessada por mudanças de curso, redirecionamentos profissionais e negociações com expectativas familiares e sociais. Apesar disso, os relatos evidenciam que a permanência no curso está relacionada à identificação progressiva com o campo educacional e ao reconhecimento da docência como um espaço de realização pessoal e compromisso social.

As vivências no Curso de Pedagogia são fortemente impactadas pela condição de minoria masculina. A baixa representatividade de homens no curso gera sentimentos de solidão, desconforto e, por vezes, não pertencimento, reforçando estigmas associados à escolha profissional. Ao mesmo tempo, os entrevistados destacam que o curso também se configura como um espaço de acolhimento, aprendizagem e ressignificação, no qual é possível tensionar normas de gênero e construir novas formas de compreender a docência. Os estágios, em especial, aparecem como momentos decisivos na formação, pois evidenciam tanto os limites impostos aos homens quanto as possibilidades de construção de vínculos pedagógicos baseados no respeito, no cuidado e na escuta sensível.

No que diz respeito às perspectivas profissionais e às pretensões de carreira, os dados indicam que os estudantes não restringem seus projetos futuros à atuação direta na sala de aula. Áreas como gestão escolar, coordenação pedagógica, supervisão, docência no Ensino Superior, pesquisa acadêmica e atuação em espaços não escolares aparecem como possibilidades recorrentes. A continuidade acadêmica, por meio de especializações, mestrado e doutorado, é percebida como uma estratégia de valorização profissional, reconhecimento simbólico e permanência no campo educacional. Essas escolhas revelam, por um lado, interesses pessoais e afinidades construídas ao longo da formação e, por outro, a influência de uma lógica de gênero que associa os homens a cargos de liderança e maior prestígio social.

Ao dialogar com os achados da pesquisa, torna-se evidente que a presença masculina na Pedagogia e na Educação Infantil não se trata apenas de uma questão numérica, mas de um fenômeno atravessado por disputas simbólicas, relações de poder e processos de legitimação profissional. A experiência dos estudantes evidencia

a necessidade de ampliar os debates sobre gênero na formação inicial e continuada de professores, bem como de repensar currículos, práticas pedagógicas e políticas públicas que contribuam para a erradicação dos estereótipos de gênero ainda presentes no campo educacional.

Dessa forma, compreender como os homens percebem e vivenciam sua formação em Pedagogia possibilita refletir sobre os limites e as potencialidades da docência como espaço de transformação social. Reconhecer e valorizar a diversidade de experiências no interior da profissão docente contribui para a construção de uma educação plural, comprometida com a igualdade de gênero e com a formação integral das crianças, ampliando referências, fortalecendo vínculos pedagógicos e tensionando modelos tradicionais de masculinidade e feminilidade ainda vigentes na sociedade.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Eliane Ribeiro et al. **O perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam**. São Paulo: Moderna; UNESCO, 2004.
- ATAIDE, Patrícia Costa. **Identidade e feminização docente: o olhar das mulheres professoras da rede pública municipal de ensino em São Luís-MA**. 2013. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís-MA, 2013.
- ATAIDE, Patrícia Costa; NUNES, Iran de Maria Leitão. **Feminização da profissão docente: as representações das professoras sobre a relação entre ser mulher e ser professora do ensino fundamental**. Revista Educação e Emancipação. São Luís, v. 9, n. 1, jan./jun.2016.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BRUSCHINI, Cristina. **Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos**. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 537–572, 2007.
- CARVALHO, Marília. **Vozes masculinas numa profissão feminina: o que têm a dizer os professores**. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 6, n. 2, p. 406–422, 1998.
- CARVALHO, Marília Pinto de. **No coração da sala de aula**. São Paulo: Xamã, 1999.
- CONNELL, Raewyn. **Masculinidades**. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2016.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. p. 14–36.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- PIMENTA, Selma Garrido. **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 1999.
- PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SAVIANI, Dermeval. **Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro.** *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 40, p. 143–155, 2009.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71–99, 1995.

SOUZA, Sauloeber Tarsio de; GIROTTO, Kênia Marcia Rodovalho. **Feminização do magistério e os impactos na vida de professores nos ensinos infantil e fundamental** (Pontal Mineiro). *Revista Profissão Docente*, Uberaba, MG, v. 19, n. 41, p. 1–20, 2019. DOI: 10.31496/rpd.v19i41.1291. Disponível em: <https://revistas.uniube.br/index.php/rpd/article/view/1291>. Acesso em: 8 jan. 2026.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Metodologia da Pesquisa.** 2. ed. Curitiba: IESDE Brasil, 2009.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS CURSO DE PEDAGOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o/a Sr./Sr.^a para participar da Pesquisa com o título preliminar **“OS HOMENS NA PEDAGOGIA: os impactos das relações de gênero na formação docente no Curso de Pedagogia da UFMA em São Luís-MA”**, sob a responsabilidade do pesquisador Aparício Sousa da Costa que tem como objetivo analisar como homens que cursam Pedagogia percebem e vivenciam sua formação acadêmica e a perspectiva de atuação na docência com crianças, considerando desafios, estereótipos e expectativas sociais. Sua participação é voluntária e dar-se-á por meio de entrevista, cujo conteúdo será registrado. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos previsíveis para as participantes. Em caso de desconforto, a entrevista pode ser suspensa a qualquer momento, caso seja desejado. Se o/a Sr./Sr.^a aceitar participar, as respostas obtidas por esta pesquisa poderão contribuir para a produção científica na área de educação e relações de gênero. Se depois de consentir a sua participação o/a Sr./Sr.^a desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo à sua pessoa. O/a Sr./Sr.^a não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração referente a esta pesquisa. Entretanto, caso o/a Sr./Sr.^a tenha alguma despesa decorrente desta pesquisa será totalmente ressarcida pela pesquisadora responsável. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas a sua identidade não será divulgada, uma vez que será guardada em sigilo. Para

qualquer outra informação, o/a Sr./Sr.^a poderá entrar em contato com a pesquisadora no seguinte endereço de email: aparicio.sousa@discente.ufma.br.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Eu, _____, fui informado/a sobre a natureza da pesquisa e porque a pesquisadora precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar da pesquisa, sabendo que não vou receber nenhuma remuneração e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias originais, que serão assinadas por mim e pelas pesquisadoras, ficando uma via com cada uma de nós.

Assinatura do/a participante da pesquisa

Assinatura da pesquisadora responsável

São Luís, MA ____/____/____



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE PEDAGOGIA

ROTEIRO DE ENTREVISTA

TÍTULO (PROVISÓRIO): OS HOMENS NA PEDAGOGIA: os impactos das relações de gênero na formação docente no Curso de Pedagogia da UFMA em São Luís-MA

Perfil do entrevistado

- Qual o seu nome e a sua idade?
- Qual a sua sexualidade (homossexual, heterossexual, bissexual etc.)?
- Em qual semestre está no curso?
- Já cursou outra graduação? Qual?
- Atua ou já atuou em áreas ligadas à educação? Qual função?

Motivações e escolha do curso

- O que motivou você a escolher o curso de Pedagogia?
- Houve incentivo ou resistência por parte de familiares/amigos(as)?
- O que você sabia sobre a profissão antes de ingressar no curso?
- O que você esperava do curso assim que iniciou?

Experiência no curso

- Como você percebe a presença de homens no curso de Pedagogia?
- Já sentiu algum tipo de estranhamento ou preconceito por ser homem no curso?
- Como avalia a receptividade de professores(as) e colegas?
- Há disciplinas ou práticas mais desafiadoras por conta da questão de gênero? Quais?

Desafios e percepções

- Quais são os principais desafios para homens que estudam Pedagogia?
- A sociedade ainda tem uma visão estereotipada sobre homens que trabalham com crianças?
- Como você enxerga o papel do homem na docência com crianças?

Perspectivas profissionais

- Pretende atuar diretamente na educação infantil ou nos anos iniciais do ensino fundamental? Por quê?
- Quais são suas expectativas em relação ao mercado de trabalho? E quanto aos desafios, quais você acha que irá enfrentar?
- Pensa em seguir carreira acadêmica ou atuar em outras áreas ligadas à educação?

Perguntas reflexivas

- Que conselho você daria para outros homens que pensam em cursar Pedagogia?
- O que poderia ser feito para aumentar a presença de homens no curso de Pedagogia?
- O que você acha que poderia fazer com que o curso de Pedagogia fosse mais atrativo para os homens?

Perguntas extras para serem avaliadas

- Já presenciou ou ouviu comentários preconceituosos sobre homens na educação infantil? Pode contar?
- Você acha que existe desconfiança ou medo das famílias em deixar seus filhos sob o cuidado de professores homens?
- Você já se sentiu isolado ou sozinho por ser minoria no curso? Como lida com isso?
- Acha que existe um “lugar marcado” para homens na educação, como cargos de gestão ou áreas mais “disciplinadoras”?
- Já percebeu tratamento diferente de professores(as) ou colegas por conta do seu gênero?

- Você acredita que a sociedade confia menos no trabalho de um professor homem com crianças pequenas do que no de uma professora mulher? Por quê?
- Já pensou em desistir do curso por conta de preconceitos ou dificuldades relacionadas a ser homem?
- Qual foi a situação mais desconfortável que você já viveu no curso ou em um estágio por causa do seu gênero?
- Você acredita que há uma vigilância maior sobre professores homens na hora de cuidar, abraçar ou trocar crianças?